2.ª SERIE. TOMO IV.

REVISTA UNIVERSAL LISBONENSE.

SCIENCIAS—AGRICULTURA—INDUSTRIA—LITTERATURA—BELLAS-ARTES—NOTICIAS E COMMERCIO.

COLLABORADA POR MUITOS ESCRIPTORES DISTINCTOS.

Redactor e Proprietario do Jornal—S. J. RIBEIRO DE SÁ.

NUM. 9. QUINTA FEIRA, 9 DE OUTUBRO DE 1851. 11. ANNO.

SCIENCIAS, AGRICULTURA E INDUSTRIA.

O INVENTO DE M. ADOR.

Muito depois de termos visto o artigo do Dr. Titon que inserimos em o numero de 25 de setembro, nos veio á mão outro de M. Victor Mercier, nos seguintes termos.

« O talento industrial tem andado tanto caminho, desde que uma longa paz lhe deixou livre o impulso, que seria difficil acompanhal-o sem desvio em as numerosas carreiras que tem percorrido. Para sermos claros e concisos, fallaremos agora somente do vapor, por occasião de uma memoria, obra verdadeiramente notavel, intitulada: — « O gerador trinitario de calorico, de força motriz, e de luz, de Ambrosio Ador, chimico.

O vapor é hoje a mais poderosa alavanca industrial; porém, quantas tentativas e ensaios se tem de fazer; porque ainda estamos bem longe da perfeição! O preço das maquinas é mui subido; carecem de entretenimento diario mui dispendioso, a combustão é immensa, os perigos frequentes; em summa, como diz M. Ador com rasão e nas formulas mais lucidas — as chaminés appresentam, não contando as despezas de construcção e a sua pouca duração, inconvenientes molestos. Deixam escoar-se, inteiramente perdida, uma grande parte do calorico; produzem fumo incommodo e aborrecido; applicadas ás locomotivas e aos barcos de vapor, cortam o ar em detrimento da força motriz, etc. »

Por um systema novo, resultado admiravel de longos estudos e de experiencias legalmente comprovadas, cujas particularidades offerecem ao leitor instruido tão vivo interesse na Memoria de M. Ador, occorre-se a todos os inconvenientes agora existentes. Em apoio de seus raciocinios claros e concisos, estampas gravadas mostram aos olhos os novos modelos, cuja descripção já o intendimento tem conhecido no texto.

A primeira leitura desta memoria causa viva impressão, e faz desejo de a tornar a lêr; quereria poder dar aqui uma analyse, porém seria isso enfraquecer a força das expressões e raciocinios. Fallarei, portanto, das principaes vantagens do invento, que ninguem rasoavelmente negaria a não ser por vontade de negar a evidencia.

O systema das maquinas é completamente alterado; são muito menos pezadas, muito menos complicadas, e por metade do preço; e por certo que só isto seria objecto muito attendivel; porém, a economia na combustão é de uma alta importancia, porquanto se reconheceu que seria de mais de 45 por cento. Attentos taes resultados, que trazem tamanhas consequencias no que respeita ao custo actual dos productos das fabricas de vapor, ao das viagens nas locomotivas e barcos de vapor, escusado é fallar de outras vantagens do *gerador trinitario*, taes como, suppressão de chaminés, de perdas de calorico, etc.

Em sua longa carreira de estudos e de experiencias, M. Ador, antes de chegar aos aperfeiçoamentos que expõe, e para se defender contra a ignorancia, a estupidez, e a inveja, teria (como é uso dizer-se) de combater com uma das mãos e de trabalhar com a outra; porquanto, sendo os homens de genio raros, quando surge algum, as mais das vezes a multidão arreda delle os olhos, como se a sua cabeça radiante deslumbrasse a vista. Muitas vezes contestamos o merito evidente ou o entibiamos com mesquinhas contrariedades; e que se tira dahi?.. Ficarmos na escuridão, quando poderiamos alegrar os olhos com as ondulações da luz que ía illuminar-nos.

— Depois de algumas queixas contra a antiga indolencia do povo francez, em materia de inventos, o citado escriptor prosegue assim: —

« Na Memoria de M. Ador, que todavia não consta de mais de cincoenta paginas, ha capitulos admiraveis: não posso deixar de citar dois, que são para todos os leitores uma lição de physica das mais novas e interessantes. O primeiro trata das

misturas de corpos com substancias que por sua reunião prudentemente combinada, nas condições requeridas, produzem combustiveis completos, representando os dois conductores de uma machina electrica em actividade, produzindo o phenomeno da combustão. M. Ador tratou este assumpto como profundo mestre. No outro capitulo expõe as suas experiencias para demonstrar a possibilidade de *queimar* a agua no seu estado natural ou no de vapor, isto é, sem que seja decomposta pela intervenção de metaes, de machinas electricas, e de acidos. Vê-se ahi que o proprio M. Ador, em consequencia de uma audaz manipulação, se penetrou de assombro e sobresalto á vista dos pasmosos resultados que obteve. Ouçamol-o agora sobre este ponto.

« Passados alguns minutos, qual foi o meu assombro vendo sahir da vasilha um diluvio encantador de diamantes inflammados, os mais resplandecentes, em fórma de paveia immensa, que tomou o espaço de mais de seis metros quadrados de um vasto subterraneo, d'antes tenebroso, mas que de subito se encheu de uma luz tão viva que os meus olhos não a podiam supportar. Pela primeira vez deram-me calafrios que me correram todo o corpo. Julguei-me de repente transportado para as immediações de um sol formoso que me despedia milhares de seus raios magnificos, mas temerosos vistos de perto. Era, em fim, um volume de fogo que reunia a uma luz offuscadora um calor da maior intensidade, isto é, a belleza e o poder. »

Se M. Ador professasse um curso de chimica explicando-o deste modo, as suas lições seriam complexas, porque teriam muita parte de litteratura. Se não receiasse alargar-me muito, fallaria tambem da comparação que o auctor faz, em outra parte, da combustão animal com a que é produzida nos melhores fogões empregados na industria: é de uma profundidade inaudita e resultado de longas observações, adaptando-se optimamente a esta reflexão, com que termina um capitulo. — « Parece que para a maior parte dos homens, a lingua mais difficultosa de aprender é a da natureza, que desde a creação lhes dá lições com perseverança e paciencia. »

« Concluo, manifestando o pezar de que M. Ador não seja compatriota nosso, e que não venha o seu nome dar novo esplendor á coroa de nomes immortaes com que a França engrinalda a fronte.

ESCHOLA DE COMMERCIO EM PARIS.

A Exposição de Londres fez palpaveis os dilatados horisontes que se patenteiam á mocidade, uma vez que seja iniciada nos estudos industriaes e commerciaes para que possa entrar na carreira das diversas profissões praticas da vida social e trabalhadora com perfeito conhecimento de causa. Nessas carreiras é que os mancebos poderão achar verdadeira independencia, a independencia que deriva da instrucção applicavel á pratica, do trabalho, e da valia individual do homem. Vendo-se a immensa variedade de objectos expostos no palacio de cristal, facilmente se conjectura que o commercio póde quotidianamente adquirir novas ramificações pelo conhecimento de grande numero de materias primas e de productos por assim dizer *ineditos*.

É por isso que M. Duhamel, cujas observações recopilamos, destina um artigo á recommendação dos estabelecimentos, dignos de se imitarem nos paizes civilisados, e que tem por objecto habilitar individuos capazes de entrarem nessas carreiras e profissões verdadeiramente livres, e que estão abrigadas das variações e das vicissitudes da politica. Dentre os institutos que tem direito á especial attenção das familias menciona com merecido elogio a *Eschola superior de commercio de Paris*, fundada em 1820 por Chaptal, Laffitte, Ternaux, e Casimiro Perier, e dirigida ha vinte annos por M. Blanqui, membro do instituto, professor do conservatorio das artes e officios. Mais de cinco mil alumnos nacionaes e estrangeiros sahiram della desde a sua fundação; e posteriormente patrocinada pelo estado, que sustenta certo numero de pensionistas, não cessou de fornecer ao commercio muitos filhos de sua educação instruidos e distinctos.

O ensino em a eschola de commercio, organisado por seus eminentes fundadores, homens praticos por excellencia, abrange em primeira linha o estudo das linguas vivas, falladas e escriptas sob a direcção de professores naturaes dos paizes onde se fallam, e com o auxilio dos recursos naturalmente offerecidos aos nacionaes pelos compatricios que vem de terras estranhas; porquanto é tal a reputação deste instituto que a terça parte dos alumnos, de que se compoem o pessoal, em todas as epochas da sua existencia, são estrangeiros.

No anno corrente figuraram entre os premiados, (a par dos mancebos francezes) americanos do norte e do sul, inglezes, alemães, hespanhoes, gregos de Athenas, armenios de Constantinopola e de Smyrna. A eschola superior de commercio é o primeiro estabelecimento de França, e talvez da Europa, para o estudo das linguas vivas.

A contabilidade em todos os seus ramos fórma o segundo elemento da instrucção professional: dois professores, encarregado um da theoria e outro das applicações, iniciam os discipulos em todas as partes desta sciencia hoje tão importante. — Contabilidade agricola, fabril, commercial, financeira, a todas se attende, e os alumnos a todas são obrigados, exercitando-se em boa idade naquella vigilancia rigida e minuciosa que por fim actua nos caracteres e lhes imprime certa madureza precoce e reflexiva. O ensino da contabilidade é inteiramente pratico para o termo dos estudos. Suppoem-se o discipulo estabelecido n'uma praça de commercio; confia-se-lhe um capital; escriptura os seus livros, faz transacções, compra e vende conforme os preços effectivos das differentes praças da Europa postos á sua disposição, e dirige-se em tudo como um verdadeiro e sisudo negociante.

Ninguem de fóra calcula bem a influencia que esta pratica simulada do commercio tem no espirito dos

mancebos, e as vantagens que lucram para entrarem depois no campo positivo do negocio. Chegam lá com uma experiencia fortalecida pelo estudo profundo do Codigo do Commercio, cujas applicações lhes são ensinadas; muitos, familiarisados cedo com o consulado maritimo, com as obras de Pardessus, de Locré, de Bravard-Veyrières, vieram a ser excellentes juizes consulares. A Economia politica lhes faz conhecer ao mesmo tempo a organisação dos bancos, o modo por que os capitaes operam, a theoria dos fundos publicos, e todas as elevadas questões industriaes da nossa epocha.

Os alumnos da Eschola superior de Commercio não estariam habilitados para a sua importante missão, se não estudassem a origem, a qualidade, as variedades, os direitos de entrada de todas as materias primas. Um museu especial, modelado pelo grande museu da bolsa de Paris, e que ainda ha pouco se augmentou com muita quantidade de novos productos vistos na Exposição de Londres, lhes facilita este estudo tão agradavel e interessante.

Cada objecto importante, e inumeraveis fazendas secundarias estão representadas por amostras authenticas: os assucares, café, cacáo, chá, todas as drogas, as materias de tecidos, lãs, sedas e algodões, canhamos, linhos, cachemiras, de todas as procedencias, figuram naquelle museu com as suas variedades; e os alumnos se exercitam no modo de as conhecer, estudando-as sob os seus diversos aspectos.

A chimica ensina-lhes a descobrir as falsificações e as fraudes, ainda infelizmente mui numerosas no commercio.

Não mencionaremos, senão por lembrança, os cursos accessorios de desenho linear, de escripta, de geographia e historia, de cambios, de litteratura, que completam este amplo ensino especial, donde tem sahido tantos guarda-livros habeis, juizes consulares distinctos, e chefes de casas opulentas.

Os alumnos desta eschola gozam da vantagem inapreciavel de acharem collocação com a maior facilidade, e de serem muito procurados pelos seus conhecimentos praticos.

Um conselho presidido pelo ministro do commercio e composto dos homens eminentes nas sciencias e na industria procede aos exames no fim de cada anno. Este conselho distribue os diplomas obtidos em resultado dos exames, e confere as medalhas de prata e de bronze concedidas pelo governo aos discipulos que mais se distinguiram.

MAQUINA DE VAPORES COMBINADOS.

Diversos jornaes dos Estados-Unidos, entre elles o *Courrier*, publicaram informações mais ou menos particularisadas sobre uma nova maquina inventada e transportada para a União americsna por um engenheiro francez, M. Trembley, de Lyão.

Esta maquina é da força de 15 a 20 cavallos e funcciona diariamente nos estabelecimentos industriaes de MM. Stillmann, Allen & Comp.ª

O principio fundamental do invento é o calor latente, como no vapor da agua. passando inteiramente n'um liquido em ebullição a uma temperatura baixa com a qual esse vapôr é posto em contacto, calor que é perdido nas outras maquinas. — Podem egualmente empregar-se o ether sulphurico, o chloroformio, o chlorido e o sulfuro de carbone.

Deste contacto resulta a vaporisação do liquido e a condensação do vapôr da agua. O novo vapôr formado pela condensação do vapôr da agua tomado no *escapamento* (evasão do recontro) do cylindro em que funccionou, serve para mover o embolo (*piston*) de um segundo cylindro que vem accrescentar sua força á do primeiro.

Por esta feliz combinação, o inventor duplica a potencia por uma quantidade dada de combustivel: obtem-se essa mesma potencia reduzindo 50 por cento a quantidade de carvão despendida nas melhores maquinas de condensação. A mesma agua e o mesmo liquido alternativamente condensados e vaporisados em vasos cerrados ajudam-se constantemente, salvo as leves perdas sem importancia que necessitam uma alimentação parcial.

Este invento é applicavel a todas as maquinas fixas e ás de navegação, destinado sobretudo a effectuar nesta uma revolução, em virtude da economia de peso e de espaço, e por evitar a incrustação das caldeiras, consequencia particular da condensação do vapôr d'agua.

ESCRAVATURA BRANCA.

Para prova da iniqua alliciação, que distrahe do archipelago dos Açores numerosa porção de braços trabalhadores, e os vae sepultar no inhospito clima da Cayenna ingleza, com igual, senão peior condição á dos que emigram das mesmas ilhas para o solo brazileiro, transcrevemos do *Açoriano* de Ponta Delgada os seguintes documentos. Vê-se que as auctoridades civis tem dado algumas providencias para obstar áquelle mal; cumpriria, porém, que o governo pozesse á disposição dessas auctoridades alguma força maritima, que as coadjuvasse opportunamente.

Governo civil do districto de Ponta Delgada. —. . . Sr. — Rogo a V. o obsequio de inserir no jornal que tão dignamente redige a carta que inclusa lhe remetto, e que acaba de me ser entregue.

Não podendo ninguem duvidar que ella foi escripta em Demerara, como se vê dos differentes carimbos que tem no subscripto, nem tão pouco de que foi escripta por um infeliz patricio nosso, é justo que quanto antes se lhe dê a maior publicidade, para bem da santa causa em que todos nos achamos empenhados, e para desengano desses infelizes, que ainda se alimentam com a esperança de irem áquella terra buscar fortuna, alliciados por pessoas, que se não pejam de os enganar e sacrificar, para lucrarem com tão vil e abominavel trafico.

Deus guarde a V. Palacio do governo civil em 15 de setembro de 1851.

... Sr. Redactor do *Açoriano Oriental*.

O governador civil

Felix Borges Medeiros.

Demerara 12 de julho de 1851.

Minha estimada mulher Thereza de Jesus. Em primeiro logar muito estimarei que estas duas regras tenham a fortuna de irem encontrar a minha querida mulher e toda a nossa estimada familia etc.; minha mulher participo-te que cheguei a esta terra a salvamento com 18 dias de viagem e ao presente fico de saude graças o Pae do Ceu. Minha mulher eu sem ti não sou nada, porque és a vista dos meus olhos tambem te peço que me perdoes, sem causa nem motivo fazer-te o que te fiz, mas paciencia, Deus é bom Pae e não Padrasto, se acaso eu cahi neste erro o L.... da Silva da Calhete, é que me revirou o sentido, estando encostado á torre da Matriz nem só eu, senão outros taes e quaes a mim marceneiros, e carpinteiros: te peço que não venhas para esta terra, que era divida que eu devia ao diabo: querendo Deus, durante um anno hei de estar á tua vista minha rica querida mulher, eu só conheço a tua falta. Manda-me dizer se acaso estás em casa de meu pae, ou em casa de teu cunhado Antonio, trata bem tuas sobrinhas, e olha bem a quem alugas a nossa casa da figueira preta; para baixo seja do alugador que na casa morar e de lá para cima seja para tu desfructares: se debulhastes a couvinha manda-me meia maquia e se vendestes paciencia, que cá me hei de remediar: conforme a falla que o dono do patacho me deu, eu contava ir agora quando o navio fosse, porque ganhava dinheiro; alguns visinhos nossos que estejam dirigidos para vir com similhante maroto, diz a meu pae, que deve participar ao governador civil, para não os enganarem como enganaram a nós, veja meu pae se denuncia a João Ignacio Peixoto: minha mulher, estranhei em tu me mandares perguntar por tua sobrinha e não me mandares a roupa, ou estivesse ou não estivesse, que elle era portador certo; agora nada mais tenho a dizer nesta occasião senão que acceites muitissimos abraços e beijos, que só com vista, ou morte terão fim, muitas saudades a meu estimado pae, e juntamente lhe peço a minha benção e dize-lhe, que lhe mando lembrar que tenha sentido em ti em algumas afflições que tiveres, dá-me muitas saudades a todos os nossos visinhos e visinhas, toda a pessoa que por mim perguntar: agora adeus, adeus até o Altissimo Senhor ser servido de nos tornarmos a vêr, se Deus fôr servido d'aqui a um anno eu hei de estar aos teus pés. Sou este teu marido que te estima e venera até fim da sua vida.

Francisco Jacinto Ventura.

Procuradoria Regia junto á Relação dos Açôres. — Illm.° e Exm.° Sr. — Para que V. Ex.ª possa ficar inteirado de que pelo ministerio publico a meu cargo se presta a esse governo civil a devida coadjuvação, para a efficacia das diligencias, que V. Ex.ª julgue necessaaio empregar, com o fim de reprimir e obstar ao commercio da emigração dos habitantes desta ilha para Demerara, ou algum outro paiz estrangeiro, sem passaporte legitimo — cabe-me a honra de passar ás mãos de V. Ex.ª a inclusa copia do officio circular, que, em data de 10 do corrente, enviei a todos os meus delegados sobre o mesmo assumpto, a fim de que não fiquem impunes os auctores, ou cumplices no crime, de que se tracta, e em que não pódem deixar de comprehender-se os alliciadores, em vista da doutrina e legislação, dedusida no meu dito officio, d'onde V. Ex.ª conhecerá, que eu me não conformo com a opinião do meu delegado nesta comarca, em quanto reputaria a simples alliciação, para aquelle fim, como um acto innocente, e fóra do alcance das leis criminaes, segundo o que V. Ex.ª me participou no seu officio de 5 do corrente. Pelo que ordenei logo ao dicto delegado, que interpozesse o competente recurso do despacho do juiz de direito, proferido em conformidade daquella opinião, como annunciei a V. Ex.ª no meu officio de 6 deste mez; e não tendo até agora conhecimento da execução, ou resultado da minha ordem, nesta data a renovo, porque em vista do auto, que por copia acompanhou o ultimo officio de V. Ex.ª, com data de 7, claramente se conhece, que a alliciação, a que se refere, tinha por objecto a sahida dos alliciados sem passaporte.

Pelo systema da nova legislação criminal os que prestam ajuda, conselho, e favor, para o commettimento dos crimes, são reputados e punidos como os proprios delinquentes — Alv. de 28 de Julho de 1751, 1.° de Julho de 1752, § 6, e 14 de Novembro de 1757 § 3, e 4. É por isso, que a seducção ou alliciação dos soldados, para desertarem, é considerada um crime gravissimo, e como tal punida, ainda que os alliciados não desertem, por não poderem, ou não quererem annuir á seducção — Alv. de 15 de Julho de 1763, e dito de 29 de Julho de 1832.

Não póde ser avaliada, por outro modo, a alliciação de quaesquer cidadãos, para deixarem a sua terra natal, sem passaporte, ou perpetrarem algum outro crime — a differença póde sómente consistir na gravidade do delicto, e intensidade da pena: mas não deixa, por isso, a simples alliciação de ser um acto criminoso, que muitas vezes será mais que conselho, favor, ou ajuda, quando for a causa primaria, e unica da sua perpetração.

São estas as minhas idéas fixas ácerca de tão ponderoso assumpto; assegurando a V. Ex.ª de que na sua conformidade regularei o meu procedimento, e continuarei a expedir, nos casos occorrentes, as necessarias ordens a todos os agentes do Ministerio Publico, dependentes desta Procuradoria Regia.

Deos guarde a V. Ex.ª Secretaria da Procuradoria Regia em Ponta Delgada 12 de setembro de 1851.

Illm.° e Exm.° Sr. governador civil do districto de Ponta Delgada.

O procurador regio

Antonio Joaquim Nunes de Vasconcellos.

Segue a copia a que se refere o officio acima transcripto, e que é desnecessario trasladar, não sendo mais do que o desenvolvimento da doutrina do mesmo officio.

CATALOGO DOS PRODUCTOS PORTUGUEZES NA EXPOSIÇÃO UNIVERSAL EM LONDRES.

(Continuado de pag. 90).

242 MARMORE.
243 MARMORE.
244 BRÉCHE
Da serra d'Arrabida.
245 MARMORE.
246 MARMORE.
O Expositor destas 16 pedras de n.° 232 a 247, é Dejante, com fabrica de serração de pedra, movida por vapôr, á Boa-Vista, em Lisboa.
247 MARMORE. — Expositor e proprietario, Joaquim de Figueiredo, residente em Vianna do Alemtejo.
Extrahido de terrenos pertencentes ao Expositor, e por elle mandado preparar.
248 MARMORE. — Expositor e proprietario, Joaquim de Figueiredo, residente em Vianna do Alemtejo.
Extrahido de terrenos pertencentes ao Expositor, e por elle mandado preparar.
249 MARMORE. — Expositor e fabricante, Dejant.
Fabrica, vide n.° 232 a 247.
250 MARMORE. — Expositor e fabricante, Dejant.
Fabrica, vide n.° 232 a 247.
251 MARMORE.
252 MARMORE.
253 MARMORE.
254 MARMORE.
255 MARMORE.
256 MARMORE.
O Expositor destes 6 marmores de n.° 251 a 257, é Joaquim de Figueiredo (vide n.° 248 e 249) que os fez extrahir das suas propriedades em Vianna do Alemtejo, e alli mesmo os mandou preparar por sua conta.
257 MOSAICO DE MARMORE DO ALEMTEJO. — Expositor, Carlos Bonnet.
Composto de 60 amostras, e diversas pedras d'armamento, e foi preparado na fabrica de Dejant, em Lisboa.
258 MARMORE BRANCO. — Expositor, Carlos Bonnet.
Da provincia do Alemtejo.
259 MARMORE. — Expositor, Carlos Bonnet.
Provincia do Alemtejo, districto de Beja, concelho de Serpa, Serra do Ficalho.
260 MARMORE. — Expositor, Carlos Bonnet.
Provincia do Alemtejo, concelho de Serpa, Serra do Ficalho
261 BRECHE VERDE. — Expositor, Carlos Bonnet.
Provincia do Alemtejo, districto d'Evora, concelho de Monsaraz, sitio de Roncão.
262 FOLHA DE MARMORE BRANCO COM VEIOS PRETOS. — Expositor e fabricante, Dejant.
Fabrica vide n.° 232 a 247.
Esta folha de marmore, está cortada de tal fórma, que parece vidraça.
263 FOLHA DE MARMORE BRANCO COM VEIOS PRETOS. — Expositor e fabricante, Dejant.
Fabrica vide n.° 232 a 247.
Preparado como vidraça.
264 FOLHA DE MARMORE COR DE ROSA COM VEIOS. — Expositor, Carlos Bonnet.
Preparado como vidraça, e muito transparente, na fabrica de Dejant, em Lisboa.
265 MARMORE PRETO. — Expositor e fabricante, Dejant.
Fabrica vide n.° 232 a 247.
De Cintra.
266 MARMORE VERMELHO COM CONCHAS BRANCAS. — Expositor e fabricante, Dejant.
Fabrica vide n.° 232 a 247.
Deve observar-se que não vão descriptas as localidades dos marmores expostos por Dejant, por elle as não ter manifestado a publico.
267 MARMORE PRETO E BRANCO.
Provincia do Alemtejo, districto d'Evora, concelho d'Extremoz.
268 MARMORE AMARELLO E PRETO.
Provincia do Alemtejo, districto d'Evora, concelho d'Extremoz.
269 MARMORE BRANCO, E UM POUCO COR DE ROSA.
Provincia do Alemtejo, districto d'Evora, concelho d'Extremoz.
270 MARMORE BRANCO E PRETO.
Provincia do Alemtejo, districto d'Evora, concelho d'Extremoz.
271 MARMORE BRANCO E PRETO.
Provincia do Alemtejo, districto d'Evora, concelho d'Extremoz.
272 MARMORE AZUL FERRETE.
Provincia do Alemtejo, districto d'Evora, concelho d'Extremoz.
273 SCHISTO.
Provincia do Alemtejo, districto d'Evora, concelho d'Extremoz.
274 TIJOLO REFRACTARIO.
Fabrica do Porto, no Bulhão.
275 TIJOLO REFRACTARIO.
Fabrica do Porto, no Bulhão.
276 TIJOLO REFRACTARIO.
Fabrica nas Janellas Verdes, Lisboa.
277 TIJOLO REFRACTARIO.
Fabrica nas Janellas Verdes, Lisboa.
278 TIJOLO REFRACTARIO.
279 TIJOLO REFRACTARIO.
280 TIJOLO REFRACTARIO.
281 TIJOLO REFRACTARIO.
282 TIJOLO REFRACTARIO.
283 TIJOLO REFRACTARIO.
284 TIJOLO REFRACTARIO.
285 TIJOLO REFRACTARIO.
286 TIJOLO REFRACTARIO.
287 TIJOLO REFRACTARIO.
288 TIJOLO REFRACTARIO.
289 TIJOLO REFRACTARIO.
290 TIJOLO REFRACTARIO.
291 TIJOLO REFRACTARIO.
292 TIJOLO REFRACTARIO.

Deve observar-se que o expositor destes 15 tijolos de n.º 278 a 292, é José Ferreira Pinto Bastos, com fabrica em Vista Alegre, perto d'Aveiro.

293 PEDRENEIRAS.
Rio Maior.

294 PEDRA D'AFIAR.
De Bragança.

295 PEDRA D'AFIAR.
De Bragança.

296 TRIGO LOBEIRO.
Provincia da Estremadura.

297 TRIGO DURAZIO RIJO.
Provincia da Estremadura, districto de Lisboa.

298 TRIGO RIJO. — Expositor e productor, Marquez de Ficalho, Provincia do Alemtejo, concelho de Serpa.

299 TRIGO RIJO. — Expositor e productor, José Joaquim Roque Delgado.

300 TRIGO RIJO. — Expositor e productor, Marquez de Ficalho, provincia do Alemtejo, concelho de Serpa.

301 TRIGO RIJO.
Provincia da Beira, concelho da Figueira.

302 TRIGO RIJO PALHOÇA.
Provincia da Estremadura, districto de Santarem, de boa qualidade para massas.

303 TRIGO RIJO.
Provincia do Alemtejo.

304 TRIGO RIJO. — Expositor e productor, Visconde de Fonte Bôa.
Provincia da Estremadura, districto de Santarem.

305 TRIGO RIJO.
Provincia da Estremadura.

306 TRIGO RIJO PRETO. — Expositor e productor, Visconde de Benagazil.

307 TRIGO GIGANTE.
Provincia do Alemtejo, districto d'Evora.

308 ESPIGA DE TRIGO GIGANTE.
Provincia do Alemtejo, districto d'Evora.

309 TRIGO RIBEIRO. — Expositor e productor, João Rodrigues d'Azevedo.

310 TRIGO RIBEIRO.
Da Gollegã.

311 TRIGO RIBEIRO. — Expositor e productor, Anselmo Manuel Xavier.
De Benavente.

312 TRIGO RIBEIRO.
De Benavente.

313 TRIGO RIBEIRO.
De Setubal.

314 TRIGO MOLLE.
Ilha Graciosa, Açôres.

315 TRIGO MOLLE.
Ilha Graciosa, Açôres.

316 TRIGO DURAZIO MOLAR. — Expositor e productor, Marquez de Ficalho.

317 TRIGO RIBEIRO. — Expositor e productor, João Vicente d'Almeida.
Provincia da Estremadura, districto de Santarem.

318 TRIGO RIBEIRO. — Expositor e productor, Antonio da Silva Junior.
De Benavente.

319 TRIGO RIBEIRO.
De Alcacer.

320 TRIGO MOLLE.
Ilha Graciosa, Açôres.

321 TRIGO RIBEIRO.
Da Figueira.

322 TRIGO MUGE.
Da Figueira.

323 TRIGO MOLLE RIBEIRO. — Expositor e productor, Visconde de Benagazil.
Provincia da Estremadura.

324 TRIGO TREMEZ.
Alcacer.

325 TRIGO TREMEZ. — Expositor e productor, Visconde de Benagazil.
Provincia da Estremadura, termo de Lisboa.

326 TRIGO TREMEZ. — Expositor e productor, Visconde de Fonte Bôa.
Provincia da Estremadura, districto de Santarem.

327 TRIGO MOLAR DURAZIO. — Expositor e productor, Visconde de Benagazil.
Provincia da Estremadura, termo de Lisboa.

328 TRIGO DURAZIO MOLAR. — Expositor e productor, Visconde de Benagazil.
Provincia da Estremadura, districto de Lisboa.

(Continúa.)

PARTE LITTERARIA.

A MOCIDADE DE D. JOÃO V.

ROMANCE.

Capitulo VII.

ULISSES ABRAÇA PENELOPE!

(Continuado de pag. 94.)

Não é facil pintar o pavor e a indignação de Lourenço Telles. Tremulo de susto procurava o florete e não o achava, tinha-se resolvido a varar o mono. Olhava inflammado para o nosso capitão, que ajudando a erguer o abbade, esgotava da janella um copioso vocabulario de pragas contra o macaco. Neste terrivel transe o cão, espectador rosnante até alli, decidiu-se a entrar em scena; o que fez saltando no gato, que a sua presença obrigava a assoprar com o contra-baixo de uma ronca prolongada. O infeliz «Minete», feito um ouriço, debaixo da cadeira de seu dono, repellia o dente com a unha, e com arte favoravel sustentava o assalto de que ficaram cruentos signaes no focinho do inimigo e nas pernas do commendador. O velho erudito entre as garras do gato e os dentes do cão, perdido de cholera, descarregava ás mãos ambas, e de cutello, um volume monstro das obras de Santo Agostinho sobre o dorso canino.

Este episodio durou minutos. Filippe, o creado,

e o preto, conseguiram por fim desapossar o macaco da sua presa, e desalojar o cão. Simão foi algemado com a sua corrente; e Tigre contido pela bengala de seu dono. A paz renasceu no agitado aposento, e olhando uns para os outros, e vendo-se quaes ficaram do combate, os actores da farça, proromperam n'uma gargalhada estrepitosa e cordeal; Jasmin com a calva nua; o abbade roto e amarrotado; e o commendador com um mappa geographico nas meias, das unhas de «Minete.» Esta rizada, que celebrou a concordia do reino animal, era repetida da rua por quantos viam prezo á janella sacada um mono disforme, enfeitado com sua cabelleira de caxos, e chapeu de clerigo.

Seguiu-se Filippe da Gama a dar as explicações sobre o attentado; o orador provou a boa intenção e absolveu-se do resto. O discurso foi acceito; Lourenço Telles era muito cortez para lhe observar a differença que havia entre um sauguim e o hediondo mono, que mettia a sua casa a saque. Apezar disso não se esqueceu de chamar Jasmin e de lhe dizer ao ouvido com ira concentrada: «*Empoisonnez-moi le singe au plutôt! Quel animal affreux!*»

O abbade applaudiu, e Jasmin ouviu a ordem cruel com visivel satisfação.

Entrava então na sala a sr.ª Magdalena da Gama, e o commendador, encostando-se ao braço do abbade, retirou-se, precedido por Jasmin com o papagaio, e seguido de «Minete» que se retirava magestoso com as honras da guerra. Lourenço Telles ao pé da porta viu o padre Fr. João, e a despeito da sua polidez não poude conter-se, que lhe não dissesse:

— «Padre mestre, o seu amigo é um homem inaudito. Come lagartos e papagaios; desfecha em latim com as pessoas, que não conhece; e acaba por introduztr em minha casa um macaco, que moeu o abbade, roubou a peruca ao meu escudeiro, e por um segundo não almoça o meu papagaio. Gosto pouco de o vêr com a senhora. Em todo o caso Jasmin não o perderá de vista

Ce monsieur du lion lá
Est parent de Caligula.

Ah, inimitavel Lafontaine! Até logo Fr. João; é nosso hoje?»

O frade abaixou a cabeça, e encolheu os hombros. — «Valha-me Deus com este Filippe! Sempre hão de parar nisto as suas graças!» — E foi atraz do commendador para lhe desvanecer os preconceitos.

Entretanto o honrado Filippe tinha o coração melhor do que a cabeça. Vendo sua mulher com o luto de viuva, e lendo no seu rosto as saudades e as lagrimas de muitos annos, custou-lhe a reprimir que a não apertasse nos braços. Passou-lhe da idéa a novella que tinha urdido, e faltou-lhe o animo para exacerbar a dôr nas chagas vivas desta alma magoada. Em presença de Magdalena esqueceu-se do que soffrera e lembrou-se do muito que a sua ausencia a fizera padecer. A felicidade, que o mundo póde dar, promettia sorrir-lhe naquelles olhos ainda bellos, quando os enchugasse; chamava-o por aquella bocca fiel em guardar os juramentos, que uma vez pronunciava. Confuso e perplexo, o capitão ora olhava para o chão, ora embebia a vista em sua mulher, scismando sobre o que dêvia dizer. Magdalena rompeu o silencio, depois de breve pausa.

— «Aqui estou, sr.! Venho receber da sua bocca a vida ou a morte. Fr. João disse-me...»

— «Fr. João é um asno! — exclamou Filippe. Se lhe disse que seu marido era morto enganou-a. Posso jurar-lhe que está vivo. Ninguem o sabe melhor do que eu.»

Magdalena levantou os olhos com viveza, mas não os fitou na pessoa que lhe fallava. Comtudo percebia-se que o som da voz a fazia estremecer.

— «Fr. João é incapaz de mentir — respondeu com alguma severidade. — Apenas me informou de que tinha chegado da India um amigo seu e de meu marido, que Deus haja; e com um suspiro Magdalena accrescentou: — Fr. João disse-me depois, que havia esperanças vagas..... Em fim disse-me que noticias exactas só o sr. as podia dar.»

— «Fr. João fallou bem — acudiu Filippe com enthusiasmo. — Mais exactas ninguem, sr.ª Magdalena. Ora diga-me: tinha muito apego a seu marido?»

— «Ah, sr.!»

— «Não ha rosa sem espinhos; bem sei; Filippe é vivo, mas póde ter casado na India...»

— «Meu marido sabia que tinha mulher e filhas, meu marido não casava. E o sr. se fosse amigo delle tambem não dizia essas coisas á sua viuva.»

— «Salva tal agoiro! Mas se lhe affirmo, senhora, que Filippe não morreu!... É boa! Acredite sr.ª Magdalena, o seu homem não tem

maior amigo do que eu e Fr. João. Póde crer. Mas a verdade primeiro. Filippe escapou duas vezes por milagre, está vivo e são, e volta qualquer dia. . . . »

— « Bem dito sejaes, meu Deus! — soluçou Magdalena, levantando as mãos ao ceu com effusão. — Agora, senhor, podeis levar-me, já não faço falta. Minhas filhas tem o amparo de seu pae! »

E as lagrimas, desta vez serenas, correram de alegria por aquellas faces, que o pranto cavara tantos annos.

— « A sr.ª Magdalena é boa mulher de seu marido, é excellente mãi de suas filhas. Deus hade-lh'o pagar. » — Disse o capitão, que sentia os olhos arrasados de agua, e que roia as unhas com ancia para disfarçar.

— « Cumpro o meu dever. »

— « Por dever só não se ama assim. Extremo é mais do que dever. »

— « Amo-o, como a mulher deve amar o esposo da sua alma, o pai de seus filhos, e a alegria do seu coração. . . Não sei que haja no mundo maior extremo.

— « Esquece o amor de mãi? »

— « Tem rasão. Póde ser que estremeça mais a minha Cecilia, talvez ame a minha Thereza. »

— « Hem! Estimo! Sabe que Filippe está velho, rabujento, e somitigo? é verdade. »

— « Acha leve a sua cruz, para elle a trazer sem tristeza e enfermidade? Quinze annos de trabalhos, ausente de mulher e filhos, exposto a tantos perigos mortaes, um rapaz, quanto mais elle que não era moço, não supportava sem ficar velho e desenganado, sem perder o gosto do mundo, como eu perdi. »

— « Pois eu, minha senhora. . . Faz favor de olhar para mim. Que tal me acha? »

— « Eu? Que hei de achar? »

— « Perdoe — alguma coisa acha por força. Que tal lhe pareço, diga sem ceremonia? »

— « Essa é boa! Muito bem. »

— « Um! Esperto e bem conservado? Graças a Deus sempre rijo e valente, e, mesmo pobre como Job, alegre que nem um passarinho. »

— « É a maior fortuna que póde ter. »

— « Diz muito bem, sr.ª Magdalena. Que lhe palpita esse coração de um marido nos meus termos? »

— « Sr. capitão! Lembre-se que sou mulher de um amigo seu! »

« — Lembro, lembro. Aqui para nós. Filippe não merecia a Deus uma senhora tão bella e virtuosa. . . É um maganão! »

— « Se para isto me desejou fallar, ha de permittir. . . »

— « Não permitto. Quero, mando que fique. Tenho direito. . . »

— « Cáia em si, veja o que diz. Sinto ser obrigada a observar-lhe que tem bem pouca delicadeza de sentimentos. Como senhora deve respeitar-me; como mulher, e mulher infeliz de um amigo seu, devia ter compaixão de mim. E entre tanto ha meia hora. . .

Filippe estava extasiado; mas ainda luctava para não revelar o incognito. Emfim não se póde ter, e no estrebilho popular disse estas palavras da cantiga:

« Ai, esposo da minha alma,
Ai, triste de mim sem ti!
— Que darias tu, senhora
A quem n'o trouxera aqui? »

Magdalena escutou, com sobresalto, a cantiga valida de seu marido. Via-se que os seus olhos anciosos advinhavam o segredo, mas que receiava enganar-se ainda.

— Ha meia hora, que te fallo, e não me ouves; que te chamo e não me respondes? Magdalena, o que davas tu a quem trouxesse teu marido aqui? Um beijo por ti, outro por nossas filhas querida mulher. . . Deus não quiz que morressemos separados, quando sempre vivemos unidos. »

— « Filippe! Filippe! marido da minha alma! »

— « Muito mudado estou, pois minha mulher me não conhece! »

— « Agora, agora! Sinto, conheço. . . Perdoa! Custava-me a crer tanta felicidade. Estou costumada á desgraça, Filippe! . .

— « Pois julgaste, querida mulher, que outro, primeiro do que eu, havia dizer-te que teu marido vivia? Olha o teu annel, lembras-te? O retrato de nossa filha, vêl-o? »

— « O coração devia dizer-me, os olhos deviam vêr que eras tu, esposo da minha alegria. E eu duvidei! Meia hora pude estar ao pé de ti sem te conhecer! A voz tinha-a na alma, sabes? as feições é que não me pareciam tuas. Estás tão mudado, tão branco, barba e cabellos! E não admira; com tantos trabalhos! E eu pareço a mesma? »

— « Estás a mesma, a mesma és sempre; a minha santa mulher. Que é das nossas filhas; quero-as vêr, quero-as beijar. Estou soffrego.

Duas vezes que tive a morte ao pé de mim chamei por ellas e por ti, primeiro que chamasse por Deus! »

— « E sem Deus, estavas comigo agora? Fizeste mal, Filippe. »

— « Não, Magdalena; tens razão. Vamos vêr.., »

— « Hoje achas só Thereza. Cecilia está em Santa Clara. »

— « Não para freira espero em Deus! Louvado seja a Providencia, temos cabedal para dotar nossas filhas ambas. »

Neste momento a porta da sala abriu-se, e o commendador entrou pelo braço de Fr. João dos Remedios, que vinha contendo o riso. O abbade seguia-o, lamentando com Jasmin a perda do seu chapeu.

— « Então minha sobrinha fallou bastante de seu marido com este sr. » — perguntou Lourenço Telles, sentando-se na cadeira. — « Trouxe-lhe boas noticias. Como se demorava. . . »

— « Ah, meu tio, trouxe-me a consolação, que podia dar-me neste mundo. Trouxe meu marido! »

— « Seu marido? » — exclamou o commendador estupefacto. — « Onde está elle? »

— « Aqui em corpo e alma » — atalhou Filippe saudando-o — « *Ecce homo*! Este é o marido, e esta é a mulher, falta só a sua benção, tio! »

— « Seja feita a vontade de Deus! » — gritou Lourenço Telles engolindo uma grande culher de geleia para se reanimar. — « *Post fata quiescit*! Sobre queda couce — murmurou contricto — Sobrinho esta casa chega, escusa de procurar outra. »

— « Obrigado, tio. Era a minha tenção. »

— « Mas podia não ser a minha. Agora como parentes e com franqueza vou pedir-lhe tres coisas. »

— « Diga, tio. »

— « Não traga monos nem caens de fila. Não coma diante de mim cobras nem gatos. Quanto ao papagaio. . . »

— « Fica perdoado? Concedido tio, e eu ganho por cima. Preste-João! »

O negro corcunda chegou-se.

— Leva o Simão e o Tigre á cella do sr. Fr. João, em S. Domingos. Depois volta que tens que fazer. »

— « Nada, ponho embargos! A minha cella não é pateo de bixos. »

— « Cala-te, Fr. João, nem sejas creança. Deixa-me viver bem com o tio. . . Dá o mono a quem quizeres. »

— « Com essa condição. . . »

— « Agora, sobrinho, tenho a honra de lhe apresentar o Sr. Abbade Silva, erudito respeitado de toda a côrte, e auctor de varias obras. »

— « Sou um seu admirador. »

— « Espere! Iam-me esquecendo duas coisas essenciaes. Se lhe não custar muito, falle-me em portuguez; e se quizer mascar tabaco... »

— « Mau! » — resmungou Filippe.

— « Póde mascal-o... »

— « Bem! » — exclamou o capitão animado.

— « Na cosinha ou no quintal. Nesta sala nunca. »

— « Amen! Se nos dá licença, tio, adeus até ao jantar. »

— « Sem ceremonia, se acaso se desgostar do papagaio... »

— « V. mercê come-o? »

— « Isso é no Brazil. Cá dou-o de presente. Tenho uma arara, e gostava... »

— « Veremos! A casa é grande; é natural que chegue. Adeus, filhos, vão, estejam á sua vontade. » E vendo-os saír accrescentou:

— « Então que diz a isto o nosso Fr. João? »

— « Que altos são os juisos de Deus! »

— « E o abbade? »

— « Que vae tudo bem; e melhor iria se eu não ficasse sem chapéu. »

— « Pois eu digo que ha meia hora tinha vontade de deitar meu sobrinho da janella abaixo; fez um barulho incrivel, padre mestre! Mas agora... »

— Agora, commendedor! »

— Agora, para que hei de mentir? Acho-o bom homem e de excellente coração. No fim de tudo queria obsequiar-me... Ha de pulir-se; ha de pulir-se, com o uso da côrte. Jasmin! Hoje é festa nesta casa. Jantam cá o abbade, o sr. Fr. João, o meu sobrinho Filippe. . . quero um ou dois pratos da tua mão. Um dia não são dias. — Sabes que o macaco vae viajar — accrescentou baixinho. — O preto leva-o á cella de Fr. João. »

— « Pobre sr. Fr. João! »

— « Olha, Jasmin, diz a meu sobrinho, que o mande antes pôr em casa do abbade. Quero que aprenda a dizer em que anno morreu Horacio. Anda, Jasmin. É uma idéa optima! »

O creado sahiu logo, e d'ahi a pouco o negro expellia diante de si o monstruoso Simão, que passando pelo abbade arreganhou os dentes, em quanto o commendador ria e esfregava as mãos.

L. A. REBELLO DA SILVA.

(Continúa.)

NOTICIAS E COMMERCIO.

Outro serviço do telegrapho electrico. — Já annunciamos a collocação do cabo electrico submarino que liga a França á Inglaterra.

M. Arago em sessão da Academia das Scieneias de Paris expoz os serviços que os telegraphos electricos podem prestar á navegação. Ha muitos annos que houve a lembrança de construir no Havre de Grace um pequeno observatorio para dar aos navios que sahiam a hora de Paris. Graças aos telegraphos electricos aquella construcção torna-se inutil; por essas communicações instantaneas poderá transmittir-se aos navegantes que desafferrem dos portos francezes a hora de Paris, determinando a marcha dos differentes chronometros relativamente aos chronometros da capital.

O observatorio inglez de Greenwich vae ligar-se por uma communicação electrica ao telegrapho internacional submarino, e o governo francez pela sua parte facilita similhante communicação para o observatorio de Paris; de modo que por meio da juncção destes dois notaveis estabelecimentos scientificos será mui facil, por experiencias repetidas centenares de vezes e com muito mais certeza e facilidade do que pelas observações geodesicas, determinar as differenças de longitude entre os dois observatorios mencionados.

Livro de Hygiene. — O doutor Dancel, medico das cadeias de Paris, acaba de publicar a 2.ª edição da sua obra: — *Preceitos fundados na chimica para diminuir a gordura e obesidade sem alterar a saude.* Vende-se em casa do auctor, rua Saint-Georges, n.º 29, por tres francos.

Lista das ultimas 13 naus de linha que se lançaram ao mar, no arsenal de marinha de Lisboa, cujos nomes se liam sa armação da tribuna real, no mesmo arsenal, quando se lançou ao mar a nau Vasco da Gama, em 2 de setembro de 1841.

Martim de Freitas.....	de	64	peças em	1762.
Conde D. Henrique.....	»	80	»	1763.
D. João de Castro.....	»	64	»	1764.
Affonso d'Albuquerque...	»	64	»	1765.
S. Sebastião.....	»	64	»	1767.
Principe Real.....	»	110	»	1768.
Medusa.....	»	74	»	1780.
D. Maria I.....	»	74	»	1788.
Rainha.....	»	74	»	1791.
Vasco da Gama.....	»	74	»	1792.
Principe do Brazil.....	»	74	»	1804.
D. João VI.....	»	74	»	1816.
Vasco da Gama.....	»	80	»	1841.

Progressos da civilisação. — Já se vão conhecendo os felizes resultados da Exposição universal de Londres para a união reciproca dos povos. Nos ultimos dias de setembro, M. de Kergolay appresentava á Sociedade central d'agricultura de França dois membros do grande jury internacional: M. de Lodde, delegado da Russia e director dos estabelecimentos agricolas creados pelo governo russiano, antigo alumno da eschola franceza de Roville, e M. Ashbel-Smith, deputado de Texas, o novo estado recentemente encorporado na União americana.

Feitos os cumprimentos do estilo, M. Ashbel-Smith, exprimindo-se em francez com grande pureza de linguagem, offereceu á Sociedade um pão do seu paiz, na composição do qual entra grande porção de succo de carne de vacca, e descreveu minuciosamente a maneira de o preparar e as suas numerosas e effectivas vantagens. — A America e a Europa começam a praticar o preceito do Evangelho: — instrui-vos uns aos outros. Oxalá que o exemplo seja imitado!

Augmento de fabrico. Diz o *Pilot* de Londres que reina grande actividade nas fabricas de cutelaria de Inglaterra. Entre outras casas consideraveis, M. Davis, inventor do *norman razor*, (uma navalha de barbear) Leadenhall Street, n.º 69, City, occupa ha dois mezes o duplo dos operarios que empregava nas épochas mais florecentes do seu estabelecimento. Este habil fabricante deve essa vantagem tanto á superioridade das suas fazendas como ao seu systema de economia commercial: — o augmento das transacções produzido pela reducção dos lucros.

Viagens aerias. — Tem requintado a mania de viajar pelos ares. Em Londres são mui frequentes as ascensões, em Paris quasi diariamente se verifica alguma. Não ha muitas semanas que os parisienses viam simultaneamente nas regiões atmosphericas tres magnificos globos aerostaticos: — a *cidade de Marselha* em que ia Luiz Godard; *Petin*, dirigido pelo celebre Poitevin, sustentando tres cavallos e seus cavalleiros; a *Aguia*, dirigido por Godard senior.

Tambem não ha muito que entreteve a attenção publica uma experiencia extraordinaria feita pelo intrepido aeronauta, Affonso Chevelin, mui nomeado pelas perigosas habilidades que faz no trapezio que pendura do seu balão. Este artista, dotado de agilidade, força e robustez não vulgares, permaneceu por espaço de onze minutos com os pés no ar e de cabeça para baixo, perante uma commissão de medicos. Nessa postura almoçou perfeitamente. Durante a prova esteve pendurado d'uma corda na altura de vinte pés do chão. Finda a tarefa declarou que nunca tinha almoçado com tamanha satisfação.

Desastre maritimo. — A correspondencia particular do *Courrier de Marseille* dá noticia de um terrivel sinistro acontecido em Mont-Formose, costa da India. O vapor *Pachá*, pertencente á companhia peninsular e oriental, e o *Erin*, que seguia derrota para a China, abalroaram um de encontro ao outro em a noite de 21 de julho: o embate foi tremendo, o *Pachá* sossobrou em poucos minutos; parte de seus passageiros, acordados pelo abalo, poderam subir á coberta e agarrar-se a objectos fluctuantes; alguns salvaram-se a nado, porém, dezeseis succubiram nas ondas, entrando em o numero dessas victimas do lastimoso successo um tenente e um commissario de

bordo. O *Pachá* trazia da China 400:000 piastras fortes (pezos-duros), e em Singapura havia tomado mais 30:000. a maior parte destes valores não estava segura. Apezar das avarias que teve o *Erin*, poude este navio chegar ao porto de Singapura, mas em deploravel estado: carregava mil caixas de opio que foi forçoso desembarcar, para serem vendidas por conta dos seguradores.

Novas riquezas metalicas. — O *Times* de 20 de setembro publica observações assignadas por M. Clarke sobre a natureza das minas de oiro da Australia. Na sua opinião, o eixo e os flancos das cordilheiras da Australia são da mesma epocha geologica que os dos montes Uraes: porém, o mais curioso é que a existencia das particulas auriferas coincide por toda a parte com a das ossadas de animaes antediluvianos. Na Russia acha-se o oiro d'envolta com os ossos dos *mamouths;* da mesma maneira na California encontraram-se ossos gigantes nas camadas auriferas. Nos penhascos auriferos e districtos da Australia descobriram-se cavernas cheias de esqueletos, e fragmentos, não soterrados dos animaes extinctos que a sciencia denominou *dipolodron* e *notothorium*.

O general Marceau. — No dia 21 do mez passado, inauguraram os habitantes da cidade de Chartres a estatua deste seu patricio. Á sua memoria havia sido levantado um monumento proximo a Coblentz sobre um rochedo fortificado que tomou o nome de Forte Marceau; teve porém de ceder logar a novas fortificações. A imprensa de Paris e os moradores de Coblentz reclamaram a reconstrucção do monumento; então, o rei da Prussia, Guilherme III, mandou erigir sobre uma pequena eminencia a leste do Forte Frantz, e a alguma distancia do Rheno, uma pyramide construida de pedras de lava, debaixo da qual se collocou uma urna com os despojos mortaes do valente general. As inscripções das quatro faces do monumento referem as suas proezas.

Marceau foi soldado aos 16 annos, e general aos 22; morreu de uma bala com 26 annos de idade, commandando a ala direita do exercito de Sambre-e-Meuse, depois da retirada da Franconia, ao sahir do bosque de Hoechstenbach, no anno IV da republica.

Lord Byron, consagrou á sua memoria as strophes 56.ª e 57.ª do 3.º canto do *Child Harold*, que dizem assim:

« Proximo a Coblentz, n'um terreno que sobe em suave ladeira, uma pyramide pequena e singela corôa a collina verdejante e cobre as cinzas de um heroe, nosso inimigo: porém isto não nos priva de venerar a memoria de Marceau. Sobre a sua joven cabeça mais de um fero soldado se debulhou em lagrimas deplorando aquella morte que invejava, porque succumbira pela França, combatendo para reconquistar seus direitos.

« Foi breve, valente e gloriosa a sua juvenil carreira. Dois exercitos o choraram; seus amigos e inimigos tomaram luto. O estrangeiro que faz alto neste sitio, deve orar pelo repouso dessa alma intrepida, porque foi campeão da liberdade; e do pequeno numero daquelles que não ultrapassam a missão do rigor que ella impõe aos que empunham a sua espada: conservou a pureza d'alma, e por isso os homens o prantearam. Tão humano quanto valente, o general Marceau foi chorado pelos francezes e lamentado pelos inimigos. Ferido em Hoechstenbach, conduziram-no morto a Coblentz. Suspenderam-se as hostilidades durante os funeraes do mancebo heroe; o exercito austriaco honrou a sua memoria com salvas de artilheria. »

As victimas do trabalho. — O relatorio da justiça criminal de França, do anno de 1849, dá noticia de que no mesmo anno aconteceram 8:717 mortes accidentaes. Eis os numeros que especialmente se referem ás classes operarias.

As victimas mortas ou esmagadas por carros, carroagens e cavallos foram 781, e por esbroamento de terrenos ou desmoronamento de construcções 301. As rodas dos moinhos mechanicos e as explosões nas minas fizeram perecer 113, e as explosões das machinas de vapor 21. Nas pedreiras e nos caminhos fragosos para chegar ás mesmas morreram 92 individuos; 778 cahiram de andaimes ou de outros sitios elevados; 368 foram asphyxiados pelo fumo e fogo; 145 pereceram por outros diversos accidentes. Tal é o martyrologio do trabalho!

Chá e seda da China. — A importancia do commercio do chá e seda que se faz na China, sobretudo ha uns poucos de annos, tem contribuido para augmentar consideravelmente o valor destes productos, que subiram no corrente anno a um preço de mais 9 a 10 por cento do que em 1850. Apezar desta subida de preço, só do 1.º até 16 de julho ultimo se exportaram dois milhões de arrateis de chá e 780 balas de seda nova.

A exportação de chá para a Grãa-Bretanha durante os mezes de abril, maio e junho do anno preterito, tinha sido de 63.390:000 libras. No primeiro trimestre do mesmo anno fôra de 54:000. As exportações para os Estados-Unidos na mesma epocha foram 28.292:000 libras, para o continente da Europa 2 651:000; e para a Australia 1:578:000 libras. A totalidade das exportações da China no anno de 1850, segundo as informações officiaes, foi de 96:311:000 libras, e a da seda de 19.190 balas.

Temporaes. — A corveta *D. João I* soffreu um tremendo temporal em Wampôa, que a forçou a arribar a Macau: desde 30 de abril, até 19 de agosto, foi obrigada a capa rigorosa, e depois a correr com o tempo; com tudo a corveta foi o navio, que menos soffreu, visto que o vapôr de guerra inglez *Reynard* e uma barca se perderam no Baixo da Prata. A corveta americana *Marian*, a fragata hespanhola *Bilbau* estiveram perdidas, e soffreram grossas avarias, assim como muitas outras embarcações.

Barriga esfaimada não attende a nada. — Este adagio, que sob diversas formulas existe em todos os povos, teve nos ultimos dias do passado agosto nova e horrivel confirmação no districto de Oestmark, provincia de Wermeland na Suecia.

Uma rapariga da aldeia de Elka voltava do moinho com um pequeno farnel de farinha; tres homens lhe sahiram ao encontro e lhe pediram a farinha, e

como recusasse, mataram-na á paulada, e roubaram-lhe o sacco devorando logo o conteudo.

Este crime atroz teve fundamento desgraçadamente na espantosa fome que flagella a provincia Wermeland; e que é tal que os habitantes estão reduzidos a pizarem e moerem cascas de arvores para lhes servir de alimento, misturando-as em alguns logares com o centeio verde, isto é com os bagos ainda em leite, quando os podem haver; e além disso aproveitam a planta cortando a haste em miudos como se faz á palha para os gados.

Dois dos assassinos foram prezos; são mancebos de 20 a 24 annos, cujos actos anteriores eram irreprehensiveis.

Cholera em Argel. — Este flagello que açoita ha tempo bastante parte daquella importante colonia franceza, declina para a sua extincção. Em Oran de 2 a 9 de setembro só houve 8 casos novos, 6 mortos no hospital militar, e 7 na população civil.

Em Mostaganem, de 28 de agosto a 5 de setembro occorreram 30 casos; e houve nove mortos, sendo cinco militares.

Em Mascara. Tlemcen, e Sidi-bel-Abés não appareceram novos insultos da molestia; em Arzew já se não fazem boletins, por ter desapparecido.

BIBLIOGRAPHIA.

COMPENDIO DE HISTORIA UNIVERSAL, *por José da Motta Pessoa de Amorim.* — Publicou-se a 7.ª folha do tomo 3.º e contém:

Historia profana. — Continuação da historia da Grecia.

Vende-se a 20 rs. a fl. na Rua Augusta, n.os 1 e 8; e a 300 rs. por volume, nos principaes livreiros de Lisboa, Porto, e Evora.

GABINETE DE LEITURA MEDICA NO HOSPITAL REAL DE S. JOSÉ.

Lembrámo-nos de colligir no hospital de S. José todos os jornaes portuguezes de medicina, cirurgia e pharmacia, para constituir um gabinete de leitura, que, além de outras vantagens, tivesse a de propagar um pouco mais a litteratura medica portugueza pelos facultativos da capital, que frequentam este estabelecimento. Para isso dirigimo-nos aos srs. redactores dos referidos jornaes, os quaes se prestaram com a melhor vontade, a remetter-nos, gratuitamente, os seus periodicos. Aproveitamos esta occasião para lhes agradecermos a promptidão de suas remessas e o bom acolhimento que teve esta nossa lembrança.

Temos, pois, já o *Escoliaste medico*, o jornal de Medicina e Sciencias accessorias, o de Pharmacia e de Sciencias accessorias, o da Sociedade Pharmaceutica Lusitana, o da Sociedade das Sciencias Medicas de Lisboa, offerecidos pelos seus redactores, ou associações a que pertencem, e o *Esculapio* offertado pelo nosso collega e amigo o Sr. Klerk. Faltanos só receber a Gazeta Medica do Porto, que esperamos em breve, por já a havermos pedido, por parte de um collega relacionado com o habil redactor deste jornal, e do Sr. Klerk que lhe escreveu no mesmo sentido.

O gabinete de leitura medica, actualmente só provido dos jornaes portuguezes, vae em breve ser enriquecido com os melhores jornaes das sciencias medicas de Italia, Inglaterra, França e Hespanha, alguns offerecidos pelo Sr. Dr. Barral, e outros a que a Ex.ma Commissão Administrativa do hospital vae subscrever de prompto.

A sala da leitura com as convenientes commodidades, deve estar prompta para o effeito até 20 do corrente.

A consequencia deste preparatorio será a publicação de um jornal proprio do hospital de S. José, essencialmente de medicina pratica portugueza. A Commissão Administrativa do estabelecimento, de commum accordo com o Governo de Sua Magestade, incumbe-se de dar providencias necessarias para a confecção deste interessantissimo periodico já ha muito desejado, e reconhecido necessario, por todos os facultativos do hospital Esta empreza dará, certamente, á Ex.ma Commissão que a promove, e aos facultativos que a executarem maior gloria do que aquella que lhe teem já grangeado as salutares reformas, que teem levado a effeito no estabelecimento que dirigem.

Todos os facultativos do Hospital serão collaboradores da *Gazeta do Hospital de S. José.* Destes um pequeno numero constituirá uma Commissão de Redacção.

Foi por occasião de visita dos Ex.mo Sr. Presidente do Conselho de Ministros, e Ministro do Reino ao Hospital de S. José, de que sahiram summamente satisfeitos, que foi lembrada a SS. EE.ª a confecção d'um jornal medico, verdadeiramente portuguez, em que se patenteassem ao publico os mil variados e importantissimos casos pathologicos occorridos no Hospital de S. José, com as reflexões competentes a cada um, a comparação experimental dos diversos methodos de tratamento e o seu resultado, e tantos outros objectos dignos de toda a consideração. Os Srs. Ministros apoiaram a lembrança e prometteram coadjuval-a.

Congratulamo-nos pois com os nossos collegas pelo que já havemos obtido, e pelo que é licito esperarmos para bem da humanidade, da sciencia, e da classe.

Lisboa, 3 de outubro de 1851.

A. M. BARBOZA.